

O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2014 / Nº 127

Missão Médica na França

Militares Brasileiros em Missão Humanitária na I Grande Guerra





O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.



EDITORIAL

O grande médico Mário Kroeff é considerado responsável pelo desenvolvimento do INCA (Instituto Nacional de Câncer). Nasceu em São Francisco de Paula, no RS, em 13 de outubro de 1891, e formou-se em Medicina pela antiga Faculdade da Praia de Santa Luzia, no Rio de Janeiro, em 1915, tendo sido sua tese de Doutorado aprovada com distinção. Clinicou em Porto Alegre, Campos Novos e Brusque. Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, fez parte da Missão Médica Militar Brasileira, na França, como 1º Tenente Médico. Atuou como sub-chefe de um Serviço de Cirurgia em um hospital para civis e militares na cidade de Tours, atendendo a prisioneiros alemães. Em Paris, foi chefe de enfermagem no "Hôpital Brésilien". Em 1919, recebeu o diploma de Oficial da Academia, conferido pelo governo francês. Neste número, é seu relato, de excepcional riqueza, fonte prazerosa de conhecimento em primeira mão, que trazemos, com muito orgulho, aos nossos leitores, em mais uma etapa do resgate da memória das forças brasileiras na I Guerra Mundial.

O Cel Claudio Moreira Bento, na sequência, relembra Getúlio Dorneles Vargas, indubitavelmente, um dos maiores estadistas do século XX, e - independente das polêmicas que marcam os estudos sobre sua política - um dos grandes transformadores do Brasil.

Por fim, uma rápida passagem sobre mais um comandante da Antiguidade, Pompeu. Embora sua história se confunda com a de Júlio César, seu papel e capacidade foram significativos na conformação do poderio militar romano.

F. G. Dillenburg (Co-Editor) por
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 MISSÃO MÉDICA NA I GUERRA MUNDIAL

por Mário Kröeff

O grande médico é lembrado, através de um de seus belíssimos discursos, exaltando a missão médica brasileira.

15 GETÚLIO: 60 ANOS DA MORTE

por Cel Claudio Moreira Bento

Em memória ao estadista que, entre inúmeras contribuições ao Brasil, lançou a pedra fundamental AMAN.

18 POMPEU MAGNO

Grandes Personagens da Antiguidade

Mais um comandante da Antiguidade, neste caso, eclipsado por Júlio César.





O Dr. Mário Kröeff
Conta Sua História

*Missão Médica
Militar em França
na Guerra de 1918*

Discurso do Prof. Mário Kroeff (www.militar.com)

Faz precisamente 50 anos [em 16Ago1968], largava da Praça Mauá, rumo à Europa, um transporte francês, lotado com uma leva de brasileiros. Era a Missão Médica Militar em França.

Mas companheiros! Os espectadores gostariam de ouvir de nós ou de mim, como fiel intérprete, resposta a uma pergunta que formularam ao trazerem a este cenáculo, sua solidariedade.

Quais foram os ideais que animaram os brasileiros a se alistarem naquela expedição? Seria a solicitude em cooperar com o nosso Governo, no cumprimento de seus compromissos internacionais? A simpatia especial pela França, armada por todos nós? O desejo de servir nos moldes da Cruz Vermelha, que nem repara no distintivo dos feridos que caem? A oportunidade para se aperfeiçoar na técnica cirúrgica, dada a abundância de material a ser posto em nossas mãos ou espírito de aventura, na esperança de conhecer novos mundos?

Nada indicava que essa viagem fosse correr sem perigo e livre das surpresas de uma guerra. Um mês antes, junho de 1918, os alemães haviam desfechado grande ofensiva. Falava-se em evacuar Paris, alvejada pelos célebres canhões de longo alcance (os

grosses Bertas). Creio, que em todos tenha influído, de tudo um pouco. Fato é que o alistamento se fez espontâneo e o entusiasmo surgiu por toda a parte.

Decerto, as razões de ordem internacional foram as mais ponderáveis, na decisão dos missionários, alguns, talvez até sem se aperceberem. Era a ideia de pátria, similar àquela que já tinha inspirado nosso presidente, Wenceslau Braz, meses antes, quando lhe tocou a vez de se empenhar pelo País, com declaração de guerra, malgrado ser estadista de aparência calma e pacífica, malgrado o Brasil ser tradicionalmente adepto de uma política de concórdia geral, entre todos os povos.

Nosso Governo viu nos médicos seu melhor elemento para colaborar na causa dos Aliados, dando demonstração leal e positiva. E na guerra, o Brasil entrou pelo emblema da medicina, de nossa medicina, sempre sublime na intenção de salvar e socorrer o ser humano, qualquer que ele seja.

Na verdade, havia implicações, de um modo ou de outro, por parte das nações, de aquém e de além mar, a ponto de se digladiarem, numa verdadeira conflagração. Julgavam-se ameaçados os princípios da justiça que regulam as fronteiras dos pa-

íses e formam o estatuto da civilização. Imperava por toda parte contra os invasores, um movimento de solidariedade humana. E o Brasil não podia ficar indiferente, assistindo de longe ao sacrifício dos outros povos, no combate à agressão para manter-se intacta, a ordenação harmônica de todas as nações. Exatamente por volta de junho de 1918, a sorte do mundo estava pendente das sangrentas batalhas que a França sustentava, com suas reservas, à beira do Marne, já nas portas de Paris, contra um poderoso inimigo, dominado por ideia de conquista total.

O país amigo, admirado de todos os brasileiros, no seu esforço máximo, tinha rasgos de bravura, definidos naquela sua exortação: *on ne passe pas et on les aura* [“não passarão e os conquistaremos”, lema alusivo à sangrenta batalha de Verdun, 1916].

Até no homem comum havia entusiasmo em participar. Daí, o sentido internacional de nossa posição, tomada pela Pátria e por alguns de seus filhos dispostos a cooperar. Outro motivo colateral assentou em base médico-profissional. Atender pela clínica e pela cirurgia larga manu [em grande escala], na zona de guerra, visando o aperfeiçoamento, para poder servir ainda melhor, lá e alhures. Esse característico predominava na maioria.



^ CENTRO DE CANCEROLOGIA (DF)

O discurso de Kroeff na solenidade de inauguração informava o perfil que ele daria à instituição. Ele afirmou que o Centro não era um depósito de incuráveis, mas sim um espaço de cura em consonância com os avanços médicos no conhecimento sobre o câncer.

Havia nos integrantes, especial admiração pela escola médica, que a França representava, no mundo de então. Aos jovens, fascinava a cirurgia dos grandes golpes, rápidos e ousados, estancando o sangramento pela compressão dos retalhos. Paris, formando celebridades clínicas e cirúrgicas era, na época, a Meca da Medicina, onde os nossos mestres iam, de tempo em tempo, nas viagens de estudo, renovar a sua cultura. E certamente no amor a essa arte, que os livros pouco ensinam e só se aprende ao vivo, foi que alguns dos missionários encontraram justa razão para ir lutar no estrangeiro, em troca dos riscos, desses que a guerra sempre traz consigo, nos seus imprevistos.

A expedição foi chefiada por Nabuco de Gouveia, homem

de representação na classe e merecedor da confiança do Ministro da Guerra, General Caetano de Faria. Deputado, cirurgião, Professor de Ginecologia e Diretor do Hospital da Gambôa. Comissionado no posto de Coronel do Exército. A Missão era composta de 10 Diretores de Serviço, servindo na categoria de tenente-coronel; 20 chefes de enfermaria, no grau de capitão; 29 médicos na classe de 1º Tenente; 8 auxiliares como 2º Tenente e 15 doutorandos na mesma categoria. Farmácia, intendência e secretaria. Incorporadas, uma delegação do corpo de saúde do Exército, com 5 representantes e outra da Marinha de Guerra, com 6 oficiais, onde eu me achava incluído, como 1º Tenente-Médico da Armada. Seguiu também um contingente de 31 soldados.

Em conclusão, 131 combatentes totalizavam a falange brasileira, mandada para se incor-

porar aos exércitos aliados, na frente francesa. Toda ela foi organizada na base da competência, sem influência política. Tive ocasião de ouvir do então Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar, a seguinte afirmação: “Por parte da Armada, só quero gente boa nessa expedição”.

Os nossos homens pisaram em terra francesa, a 24 de setembro de 1918, pelo porto de Marselha, depois de uma viagem acidentada, cheia de privações, que contarei daqui a pouco. Uma vez em Paris, foram todos entregues ao alto comando francês que os distribuiu pelas Províncias, a fim de imediatamente prestarem serviço contra uma epidemia de gripe, que dizimava a população civil, enfraquecia a linha de frente e prejudicava a ação da retaguarda. Serviram, a contento. Do Ministério da Saúde Pública, receberam elogios e distinta condecoração: Reconnaissance Française.

Enquanto uns eram assim espalhados pelo interior e cooperavam na saúde pública em geral, outros trabalhavam como chefe da Missão, na Montagem do Hospital Brasileiro, remodelando o prédio de um antigo convento de Jesuítas, que existia na rue Vaugirard. A instalação foi feita em mês e meio, de trabalho acelerado. Aí é que Nabuco de Gouveia deu prova de sua

capacidade de organização. Seus auxiliares diretos receberam a legião de honra: Tenentes-coronéis Benedito Montenegro, Eduardo Borges da Costa, Paulo Parreiras Horta e Jorge de Toledo Dodsworth. Nabuco já era legionário. O estabelecimento, classificado logo como de primeira classe, em condições de receber feridos, ficou nivelado ao hospital americano de Neuilly, no dizer dos próprios franceses, General Fevrier, inspetor sanitário da Região. Depois que o General Roger, Chefe do Serviço de Saúde, na Praça de Paris, nos fez uma visita e declarou que não pensava encontrar um hospital tão bem montado. Desse dia em diante, só nos foram enviados, os casos tidos como grandes feridos. Dirigiam a seção de cirurgia os Coronéis Benedito Montenegro, Mauricio Gudín, Borges da Costa e Torreão Roxo, auxiliados pelos mais jovens: Ernâni de Faria Alves, Alfredo Monteiro, Roberto Freire e Pedro Paulo Paes de Carvalho. Este último já se achava na Europa, trabalhando no Hospital Franco-Brasileiro, mantido pela Colônia, à rue de La Pompe e dirigido pelo grande cirurgião Paulo do Rio Branco, filho do nosso chanceler.

Terminada a guerra, foi extinta a Missão, em fevereiro de 1919. O Hospital, daí em diante, ficou sob a direção exclusiva dos médicos-titulares

do Exército e da Marinha sob a chefia do Coronel-médico Rodrigo de Araújo Aragão Bulcão. Que já se achava na Europa. Nesse grupo estive eu. Ficamos subordinados ao General Napoleão Aché, chefe de uma outra Comissão de Estudos de Operações de Guerra. Sob esse novo regime, fiquei encarregado de uma enfermaria e tive oportunidade de ser o auxiliar na primeira operação realizada então no Hospital e executada pelo major-médico, João Afonso de Souza Ferreira, já participante da Comissão anterior. Nome grato a esta Casa [a Academia Brasileira de Medicina Militar] por ter pertencido à tríade dos fundadores.

Seis meses depois, o nosso Governo fez presente da instalação hospitalar, com todo aquele precioso material, à Faculdade de Medicina de Paris. E em nosso hospital foi montada a melhor clínica cirúrgica da Escola, confiada ao professor Pierre Duval. Quem hoje subir as encostas da rue Vaugirard, há de ler, no bronze, em grande fachada, o nome Hôpital Brésilien. Atestado vivo, do esforço de alguns brasileiros, respondendo pelo País.

Agora, quero referir os nomes das localidades no interior da França, a cujo serviço estiveram os meus compatriotas. Hão de lembrar, decerto,

passagens da vivência com os habitantes, o valor de sua atuação médica, e, ipso facto, recordar a gratidão manifestada, naquele tempo, pelos beneficiados que encontraram em nós, legítimos representantes da medição francesa.

Pela ordem:

Tenentes-Coronéis:

Servindo em Tourcoing, Norte da França – Benedito Montenegro. Hoje, aqui, patrono dos missionários, como foi esta tarde perante o Ministro do Exército, General Lyra Tavares. Figura de exceção na medicina mundial. Basta referir que exercendo a cirurgia e operando estômagos, conseguiu atingir a maior soma de gastrectomias, já realizadas por um homem, em todo o mundo (mais de 6.000). Alegremos vê-lo, em forma, fazendo discursos nesta idade. Em Besançon – Jorge de Toledo Dodsworth; pela hierarquia, nosso vice-patrono.

Agora os Capitães:

Em Marselha – Ernâni de Faria Alves; Saint-Brieux – João Augusto de Mattos Pimenta; Paris – Joaquim Vidal Leite Ribeiro (como ajudante-de-ordens do chefe); Marselha – Eugênio Décourt Paris – Maurílio de Mello (nos preparativos do Hospital); Nice - Olímpio Chaves (servindo no Hospital dos afetados pelos gases).

Primeiros-Tenentes:

Em Rennes – Alfredo de Moraes Coutinho Nevers – José Bonifácio da Costa; Montpellier – José Camilo da Costa e Silva; Angoulême – Hélio Franco Fernandes; Marselha – Leonídio Ribeiro; Tours sur Loire – Mário Kroeff (encarregado dos prisioneiros alemães hospitalizados); Paris – Antônio Ayres de Mendonça; Poitier – Luiz Alves Braga; Nantes – Pedro Paulo Paes de Carvalho (substituindo, na direção do Hospital, o Professor Chévrier, que assim pode gozar as férias atrasadas).

Segundos-Tenentes:

Em Carcassonne – Álvaro Berrardinelli; Montpellier – Bento Costa Júnior; Chalon – João Peixoto de Amarante; Tours – João Paes Leme de Monlevade; Nice – Viriato Dutra;

Doutorandos (categoria de segundos-tenentes):

Em Pau – Álvaro Cumplido de Sant’Anna; Clermont-Ferrand – Luiz Adelmo Lodi; Farbres – Ary de Lima; Bordéus – Antônio Pereira Nunes; La Roche sur Lyon – Cícero Cruz Alvez; Nimes – Mário Coutinho (era tenente, hoje general); Nantes – Oscar Pereira Brito.

Vê-se, assim, que os médicos da Missão estiveram em toda a França. E deixo de citar aqui, nesta relação as localidades

atendidas pelos companheiros já falecidos.

1º Ten Aloisio Neivas, como Secretário da Missão – sempre pronto e cavalheiro. Farmácia – Plínio Ribeiro de Castro e Carlos de Castro. Na Intendência – 2º Ten Anysio Oscar da Mota.

Quem não conhece o caricaturista Fritz? Merece referência especial. Sua presença faz lembrar passagens humorísticas da vida de bordo. Na viagem, surgiu um jornaleco – o Torpedo – editado clandestinamente por um grupo rebelde e vibrante de mocidade. Tinha pouco mais de um palmo, em duas folhas. O Torpedo foi fundado com o objetivo de ser o órgão da crítica e oposição a um regime severo, ilhado dentro de um barco.

Redatores, o jornalista Antônio Marques Pinheiro e o Tenente Alfredo de Moraes Coutinho. Este era autor de artigos de fundo, sempre ilustrados, com expressivas charges, caricaturando a figura do chefe supremo. Sofreu logo os efeitos da repressão e foi empastelado por ordem superior. Nele, o nosso Fritz já revelava o traço marcante de sua arte, sempre inspirada em mansa boêmia. Procurei trazer um exemplar para exibi-lo hoje aqui. Oferecido, como foi, à Biblioteca Nacional, esta não quis procurá-lo, em sua cole-

ção de obras raras. Foi pena. Seria uma reminiscência a mais, nesta oportunidade.

Uma palavra sobre os soldados.

Jovens, sorteados para o serviço militar, alistaram-se espontaneamente na ideia de guardar as portas do hospital brasileiro ou outra qualquer posição que lhes fosse confiada. Alguns, voluntários, com 17 anos, como este que hoje aqui está, respondendo por um nome já consagrado na literatura, Machado Florence, escritor e romancista. Das 31 praças, a esta altura da vida, somente 7 responderam ao toque de reunir.

O contingente que lá na França estava em forma, marchou sob o Arco do Triunfo, depois do armistício, no ‘défilé de la Victorie’, desfraldando nossa bandeira, ombro a ombro com soldados de outras pátrias. Eles, na confraternização, aprenderam a cantar a Madelon, canção militar que distraía o soldado francês nas pausas da linha de frente.

Agora, uma nota importante.

Refere-se à equipe de Montpellier. Um de seus membros, o Tenente-Coronel Paulo Parreiras Horta, teve oportunidade de estudar ali uma doença desconhecida. Atacava os soldados sob a forma diftéri-

ca, obstruindo a faringe com falsas membranas. Por meio de culturas e exames microscópicos, demonstrou a verdadeira origem e indicou o tratamento respectivo. Deu-lhe o nome de micose pseudo-dif-térica, devido a um cogumelo do tipo furasiosis. Além dessa nova entidade nosológica, apresentou à Sociedade médico-cirúrgica de Montpellier outro trabalho original, estudado na França: "Disenteria devido ao treponema euginata. Novo método de coloração de treponemas". Baseado nesta pesquisa, o Dr. William Gibet fez uma tese, apresentada à Faculdade de Medicina de Paris. Ai está, mais um serviço prestado pela missão médica, não só à França, como à ciência médica em geral. Esses estudos foram comunicados aqui no Brasil, à Academia Nacional de Medicina.

Soldados que responderam ao toque de reunir:

Antônio Benedito Machado Florence, Diaulas Junqueira de Aquino Pádua, Luiz Richard, Raimundo Nonato Moreira (anspeçada), Décio Passos, Clóvis Tocantins Barbosa (cabo), Antônio Simões de Carvalho (cabo) e Mário Paes de Barros Filho.

Cumpre-me agora mostrar a face triste da missão.

Para chegar até aquelas longínquas paragens no interior da França, os brasileiros foram obrigados a percorrer ásperos caminhos. Basta referir que a travessia dos mares, Atlântico e Mediterrâneo, levou 36 dias para uns e 64 para outros, que ficaram para trás, nos hospitais da África. Foi cheia de privações, riscos de vida, doenças que apareceram, casos de

INOVAÇÕES v

A técnica da eletrocirurgia, ainda nos anos 1920, passaria a ser empregada nas mais variadas cirurgias de câncer. Kröeff (à esquerda) foi um dos defensores da técnica e divulgou fortemente seu uso.



morte e suicídio. Para alguns, essa viagem foi marcada com sangue, dor, tristeza e luto. Quatro dos nossos perderam a vida. Estes fatos devem ser arrolados, para quando se quiser escrever a história da Missão Médica Militar, e acrescentar no livro pátrio, mais uma de suas páginas. É bom que todos saibam e os pósteros tenham conhecimento, até onde foi o sacrifício de alguns que saíram espontaneamente do País para levar à guerra de 1918, uma contribuição médico-hospitalar. Aproveito esta oração para prestar meu depoimento pessoal. Comigo, o destino foi cruel, criando-me situações dolorosas, verdadeiramente téticas, certas vezes.

Ao sair de Dakar, mal o barco se fizera ao largo, foi ele de repente, infestado por um mal desconhecido, revelando logo o seu caráter epidêmico. Sentiram-se atacados de forma grave todos os membros da nossa comitiva, os tripulantes e os recrutas senegaleses, que vinham amontoados nos porões, desde o porto anterior. Em pouco, o navio já se tornara hospital flutuante, lotado de gente, sem diagnóstico, e sem tratamento. Dias sucessivos se prolongaram, entregues todos ao Deus dará, e confiados às defesas naturais e às reservas nutritivas, que o organismo sempre

acumula, em seus próprios tecidos. A mim, coube passar as horas mais trágicas da vida. Ardia em febre, ao abandono, sem água, no escuro, sem ter alguém que viesse até o camarote, fazer sequer a necessária limpeza, dias após dias, ou melhor, noites sucessivas, porque para mim as vigílias eram intermináveis. Ao passar pelas Canárias, permanente esconderijo do submerso inimigo, o nosso comboio, sob ameaça grave, viu-se obrigado a se refugiar no porto Etienne, deserta enseada na Costa Marroquina, ao norte do Senegal. Zona tórrida, sem um ramo verde, onde o sol, refletindo seus raios em cômodos de areia, trazia ao nosso confinado camarote, um calor sudorífero. Era a segunda ameaça de submarino, igual àquela outra que nos fez mudar de rota, antes de chegar à Baía de Freetown, na Serra Leoa. Andavam, talvez, os inimigos interessados em poder humilhar com torpedos à vista, aquela especial carga humana, representante de uma cultura e de uma opinião. Depois dessa segunda corrida e pausa forçada, prosseguimos viagem.

Aí, já éramos quatro, na mesma cabina, porque a senhora de um dos companheiros veio se agregar, no delírio da febre. Durou semana e meia a fase

aguda do nosso sofrimento. Desde 7 de setembro, ao sair de Dakar, até o dia 16, quando um emissário, já convalescente, desceu em Gibraltar para nos trazer os líquidos e remédios. Esses recursos estavam avidamente desejados pelos doentes de bordo, alguns já ressequidos, como eu, pela febre e pela dieta forçada. Mas, a tragédia não termina aí. Meu companheiro de beliche de cima tenta o suicídio. Procura inutilmente se atirar pela vigia, subindo para isso no divã onde dormia, gravemente doente, outro camarada. Retrocede para recorrer a uma gilette, cortando os pulsos e salpicando de sangue todos nós, como ele, já meio perturbados. Forma nervosa da gripe espanhola. Ante meu fraco protesto, replicou: - "você não sabem o que estou sentindo. Não posso mais." Efetivamente, sobe ao convés. Ao clarear do dia, alguém viu um vulto correr em direção à amurada. Quando deram pela falta, não mais foi encontrado. No camarote, os vestígios de sangue ficaram por algum tempo, como triste recordação de um companheiro, Tenente-Farmacêutico da Armada - José Brasil de Souza Coutinho.

Numa daquelas noites tenebrosas, eu, doente, me torturava ainda mais, ao escutar do meu camarote, perto da proa, a tragédia dos senegaleses

que, morrendo aos magotes, eram atirados ao cemitério das águas. A cerimônia fazia-se acompanhar de um sapateado ululante, segundo o ritual de certas tribos africanas que costumam dançar em torno do cadáver, antes de entregá-lo à sua morada final. Para cúmulo da situação, eis que, de repente, soa a sirene.

Era o sinal de alarme. Criou-se o salve-se quem puder. As mulheres caíam pelos corredores, perdidas na escuridão, chorando atrás dos maridos. Eu, não tive ânimo para levantar, subir as escadas e procurar lá no convés o meu bote salva-vidas. Considerei-me perdido. Em rápido exame de consciência, confesso que naquele instante, encontrei minha maior culpa no pesar que causaria à minha mãe. Conformado, já aceitara a solução do torpedo para logo dar cabo àquela situação angustiante. Aguardei por momentos um possível estrondo, projetado sobre o costado do barco. Puxei de baixo do beliche o salva-vidas e amarrei seus cordões ao pulso, esperando, ali mesmo deitado, os acasos do destino. Passado algum tempo, enquanto perdurava a tétrica algazarra de gente perdida pelas escadaria, eis que aparece um amigo - Leonídio Ribeiro - ainda febril, tateando de porta em porta: - "Mário, não levanta. Não é submarino. O nevoeiro está muito forte e

o comboio ameaça abalroar". Esse alarme fez piorar muita gente, dando complicações de bronco-pneumonia. No Mediterrâneo, o navio teve ordem de atracar em Oran, ao norte da Argélia, a fim de deixar ali hospitalizados os nossos doentes mais graves. Nesse porto, em 18 de setembro, desembarcaram todos os membros da Missão. Os convalescentes hospedaram-se nos hotéis e os mais graves foram diretamente para o hospital militar. O vapor "La Plata" devia sofrer desinfecção geral. Quanto a mim, fiquei esquecido no fundo de um camarote. Passei parte da noite a respirar ambiente sufocante. Altas horas, reagi, e atraído pelo ruído de um ventilador, encontrei no camarote ao lado, um colega – João Coimbra – nas mesmas condições. Meio cambaleantes, braço a braço, subimos ao tombadilho, em busca de respiração melhor. No dia seguinte, removido em maca, fiquei no cais por algumas horas, sujeito à curiosidade de gente esquisita, usando indumentária beduína, com turbantes à cabeça. Depreendi que lamentavam a sorte daquele militar, ali estendido e destinado a ficar para trás em sua caminhada. No trajeto do hospital, morre meu companheiro de ambulância, tenente comissário do Exército, cujo nome não me foi dado conhecer. Depois de uma golfada de sangue, pende do beliche

superior, um braço amorte-cido. Ficou balançando pela estrada, a cada solavanco. No hospital, ao dar entrada na enfermaria, tive a reconfortável sensação do mais salutar de todos os remédios: vasta tigela de água fresca, para matar a sede prolongada.

Deram-me logo, também, uma taça de champanhe, medicação preconizada pela antiga medicina para reanimar os pulmonares, na fase aguda. Apenas alojado, entre gente estranha, caras de árabes e anamitas, percebo uma voz, chorando na sala ao lado. Era a Senhora Scyla Teixeira que havia perdido o marido naquela hora, encerrando assim sua viagem de núpcias. Em seguida, vieram buscar para exame de laboratório, amostra de minha expectoração, cor de tijolo. Fiquei na expectativa de uma transferência para algum local de isolamento, apropriado aos tuberculosos. Só muito mais tarde, é que re-

cebo a notícia de que não se confirmara aquela suspeita indesejável. Removeram-me, ao invés, para o salão nobre do hospital, improvisado em dormitório, onde já se achavam em tratamento os coroneis Borges da Costa, Jorge de Toledo Dodsworth e Torreão Roxo, e o tenente da Armada Luiz Castelo Branco. Fomos todos, muito bem tratados. O contingente baixado em Oran por doença grave era composto de 16 pessoas. Alguns ficaram em terra africana, no derradeiro repouso. Antes de partir, estivemos no cemitério. Confesso que ali dei parte de fraco, ante as palavras de emoção, dirigidas aos mortos pelo companheiro Luiz Felipe de Souza Lobo. Pouco depois,

POUCAS CHANCES v

A I Guerra Mundial foi uma verdadeira carnificina. O número de baixas agravou-se pela falta de recursos médicos no front e pela terrível gripe espanhola.



prosseguimos viagem, a bordo de um vapor de segunda, rumo ao porto de Marselha, onde desembarcamos. De trem, chegamos a Paris e logo fomos distribuídos, como os outros, pelo interior da França, sem perda de tempo.

Agora, já que se contou a parte boa e a face triste, na história da Missão, uma pergunta final pode ser formulada. Que resultou de útil na ação dos brasileiros? A essa indagação, já tivera oportunidade de responder o Tenente-Coronel Maurício de Medeiros, em discurso pronunciado, ao ensejo de uma de nossas festas anteriores de confraternização:

“Ficou na França que tanto amamos, um documento de nossa capacidade de organização hospitalar, no magnífico estabelecimento que lá deixamos. Ficou por todas as províncias daquele país o testemunho da competência de nossos médicos. E ficou, sobretudo, a prova de que o Brasil, quando necessário, sabe cumprir o seu dever”.

A mesma pergunta também respondeu Paulo Parreiras Horta, numa entrevista, ao Diário da Noite, edição de 22 de maio de 1942:

“Direi apenas que os brasileiros cumpriram os eu dever e alguns

perderam a vida pelo Brasil e é para estes que se dirige primeiro, minha recordação comovida – Scyla Teixeira, Jose Brasil de Souza Coutinho, Paulo de Melo Andrade e Octávio Gomes do Paço.”

O subsecretário de Estado do Serviço de Saúde Militar – Louis Mourier, dirigiu em fevereiro de 1919, pelo documento 6.793 C 4, ao Ministro das Relações Exteriores da França, a seguinte exposição, em resposta a uma consulta, sobre a contribuição, oferecida pelos brasileiros:

“A Missão Médica desempenhou um esforço notável para que o Hospital que ela organizou pudesse estar em condições de participar utilmente no tratamento dos feridos, tombados no curso das últimas operações. Efetivamente, esse estabelecimento foi instalado com extrema rapidez, a tempo de assegurar aos militares em tratamento, o máximo con-

forto e possibilidades de cura. Pode assim receber um número elevado de doentes. Conta atualmente com 260 leitos ocupados”.

E assim termina: *“Le personel médical et chirurgical de la Mission s’est montré, tout a fait, à la hauteur de as tache”* [o pessoal médico e cirúrgico da missão se mostrou, em todos os momentos, a altura de sua tarefa].

Fomos visitados pelo Conselho Superior da Faculdade de Medicina de Paris, tendo à frente o Decano, professor Roger, em companhia de notabilidades médicas, como os professores Hartmann, Widal, Chauffard, Piere Marie, Jeansselme, Maurice de Fleury, Gilbert, Benzançon, Couvelaire,

MISSÃO MÉDICA v

Os militares brasileiros exerceram importante papel humanitário na frente ocidental; tanto que há, na França, uma placa comemorativa à sua contribuição ao esforço de guerra aliado.



Jean-baptiste Faure. Percorrido o hospital, exprimiram sua admiração pela obra realizada, considerando modelar o novo hospital.

Epitácio Pessoa e Pandiá Calógeras, presidente e membro da Delegação Brasileira à Conferência de Paz, dirigiram telegrama em 16 de fevereiro de 1919, ao Ministro do Exterior do Brasil, afirmando:

“O hospital que tem galhardamente sustentado o nome do Brasil está hoje, plenamente acreditado, contribuindo poderosamente para criar forte simpatia pelo nosso País, coisa que ele muito precisa, neste momento de espinhoso trabalho na Conferência de Paz”.

A nós, os médicos da Missão, valeu de muito essa viagem. Serviu para conhecer, de perto, o valor da França no seu esforço de guerra e sentimento de pátria, mantido por sua gente; para dar ensejo de avaliarem o padrão da assistência médica, prestada a qualquer combatente, até mesmo em seus longínquos hospitais, de que tivemos prova, quando alguns tombaram doentes na Argélia; oportunidade para combater ao lado de um país aliado, grande amigo do Brasil, tido como o mais bravo de todos; para poder presenciar de visu a excelência da medicina francesa, escola que já se havia incutido na forma-

ção científico-profissional de inúmeros brasileiros. A mim, serviu para criação de um laço de cordialidade, através das “Palmas Acadêmicas”, honrosa condecoração, capaz de orgulhar qualquer cidadão brasileiro; serviu-me também para trazer gratas recordações de uma temporada de ano e meio, passada em Paris, na flor da idade, em bela convivência com a juventude e os grandes mestres da cirurgia francesa.

Serviu-me ainda para tirar uma visão panorâmica, através de seus monumentos obras de arte e tradição milenar que transparece a cada passo na Capital do Mundo.

Mas, senhores, esta solenidade não estaria completa, sentimentalmente, se uma evocação aos mortos não fosse feita.

Nesta noite inesquecível, cheia de luz, flores e sorrisos, onde já resplandeceu a inteligência humana, nesse entrevero de palavras, que me precederam, cabe homenagem especial, póstuma, aos desaparecidos, prestada pelos sobreviventes, por aqueles que a natureza quis conservar, a título de privilégio. Vivos, somos hoje apenas 37, entre os 151 que embarcaram, cheios de entusiasmo e de esperança, naquela longínqua manhã de agosto, deixando no cais uma multidão que acenava lenços úmidos de lágrimas.

Eu gostaria de poder citar nominalmente a relação dos que já faleceram, mas sou premido pelo tempo. Com eles, andamos pelo mundo, num trato amável, levando no coração o mesmo ideal e enfrentando, na coragem, os reveses do caminho. E, para lembrar a amizade de alguns e devotar reverência aos que souberem honrar o nome de seu País peço licença para interromper minha singela oração, pelo prazo de um minuto. Como se eles estivessem ouvindo, ao longe, o toque do clarim chamando ao silêncio para sentirem as homenagens desta noite.

Aos mortos, de pé, senhores.

Minhas senhoras e meus senhores.

Ao terminar, com honroso encargo de falar em nome dos meus companheiros da Missão Médica Militar, devo expressar o nosso máximo reconhecimento, do real significado, desta memorável solenidade, como uma especial consagração, que somente a Academia Brasileira de Medicina Militar tem autoridade de outorgar. Muito obrigado.

•

Discurso do Prof. Mário Kroeff, publicado em “O hospital”, fev. de 1969. V.75 n.2

•

Mário Kröeff (São Francisco de Paula, 13 de outubro de 1891 — 23 dezembro de 1983) foi um médico brasileiro.

Nascido na fazenda do Potreirinho, perto da vila de São Francisco de Paula de Cima da Serra, zona nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Seus avós vieram para o Brasil num dos grupos de imigrantes alemães que se instalaram em São Leopoldo, em 1824. Os pais, Carlos Miguel Kröeff e Idalina Horn, já nasceram no Rio Grande do Sul. Após realizar os estudos primários, na cidade de Taquara do Mundo Novo, transferiu-se para Porto Alegre, onde concluiu o curso secundário. Depois de prestado o exame global de grande madureza, no Ginásio Júlio de Castilhos em 1910, matriculou-se na escola de medicina daquela cidade, onde cursou os dois primeiros anos.

Transferindo-se em 1912 para o Rio de Janeiro, recebeu o diploma de médico na turma de 1915. No sexto ano fez concurso para interno acadêmico do Pronto Socorro Municipal. Depois de formado regressou ao Rio Grande do Sul para exercer a vida como clínico no interior do estado. Em 1918 regressou ao Rio de Janeiro, onde ingressou no corpo de saúde da Armada. Nomeado

primeiro-tenente, serviu no Hospital Central da Marinha, na Ilha das Cobras, e logo depois na Escola Naval de Angra dos Reis. Quando em 1918 o Brasil organizou a Missão Médica Militar para prestar serviços na França, foi escolhido pelo ministro Alexandrino de Alencar. Terminada a guerra permaneceu em Paris, integrando o corpo médico-cirúrgico do hospital brasileiro, instalado na Rua Vangirard.

Aproveitando a estadia na Europa, frequentou cursos de cirurgia. Regressou ao Brasil após ter sido condecorado na França por serviços de guerra. Concursado para inspetor de saúde pública no recém criado Departamento Nacional de Saúde Pública, deixou a Marinha em 1921, para chefiar o dispensário de doenças venéreas, convidado por Eduardo Rabelo. Viajou a trabalho para Alemanha e França em 1924, voltando ao Brasil em 1926 para trabalhar na clínica de Brandão Filho, na Santa Casa. Ali praticou a primeira operação de eletrocirurgia em câncer realizada no Brasil, com aparelho trazido da Alemanha. Até então, o câncer era considerado incurável no país.

Fundou o primeiro núcleo oficial de combate ao câncer no Brasil, chamado Centro de Cancerologia, no bairro do

Estácio, em 1938. Foi eleito para a Academia Nacional de Medicina em 1940. Em 1941 fundou o Serviço Nacional de Câncer. Durante a Segunda Guerra Mundial viajou aos Estados Unidos para adquirir radium. Em maio de 1946 transferiu o Serviço Nacional de Câncer para o Hospital Gaffre e Guinle, na Tijuca. Fundou a Sociedade Brasileira de Cancerologia e a Associação Brasileiro dos Cancerosos, que mais tarde se converteria no Hospital Mário Kroeff. Fez a primeira exposição sobre câncer no Brasil, patrocinada pelo Jockey Club Brasileiro, em 1948. Chefiou o Serviço Nacional de Câncer até 1954, substituído pelo ministro Miguel Couto Filho. Presidente do Conselho administrativo que coordenou as obras do Hospital do Servidores do Estado.

No fim da vida dedicou-se a literatura através de três livros: *Imagens do meu Rio Grande*, *Ensarilhando as armas e O gaúcho na panorama brasileiro*, este último com a renda das vendas destinada exclusivamente ao término do Hospital Mário Kroeff.

Faleceu aos 92 anos.

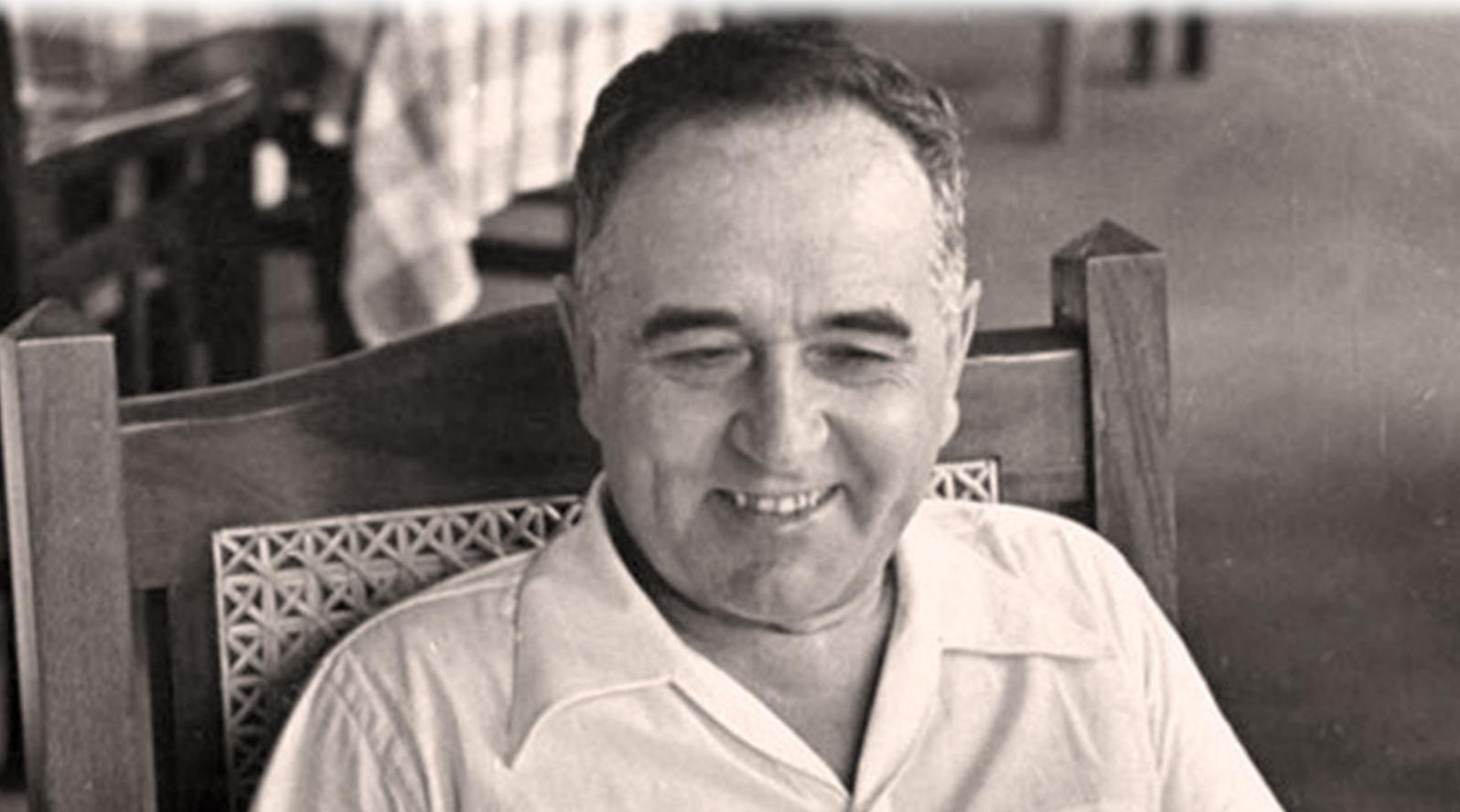
O 60º Aniversário da Morte do Presidente Getúlio Vargas

- Memória -

Cel Claudio Moreira Bento

Na trágica data de 24 de agosto de 1954, véspera do Dia do Soldado, como Cadete do 3º Ano do Curso de Engenharia da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em Resende-RJ, e no momento em que participávamos de uma instrução de construção de uma ponte de circunstância no arroio Alambari, na altura da atual ponte que liga os parques das Armas com a seção de Equitação foi que conheci a infausta notícia do suicídio do Presidente Getúlio Vargas, muito ligado à História da AMAN, construída em seu governo, como uma promessa da Revolução de 1930 que ele liderara.

Foram convocados cadetes voluntários para prestar Guarda de Honra no seu velório, junto ao seu caixão, no Palácio do Catete. Mas se apresentaram muitos voluntários, com suas famílias moradoras no Rio. Em razão disso houve um sorteio ao qual concorri e fui sorteado, junto com o cadete Álvaro Gomes Escobar.



Como cadete, sabia que o presidente Getúlio Vargas na Revolução de 1932, visitando o QG das forças do Governo na Estação Ferroviária de Resende, ali prometeu construir a AMAN em seu Governo.

Em 1939, no aniversário da morte do ex- Presidente Marechal Floriano Peixoto em Barra Mansa, em Floriano atual, na divisa com Resende, ele lançou a Pedra Fundamental da AMAN. E na entrada do Conjunto Principal da AMAN eu contemplava enorme placa de bronze com o seu nome ligado à construção da AMAN.

Getúlio tinha uma grande admiração por Floriano Peixoto, o consolidador da República Brasileira e que havia promovido seu pai Manoel Vargas, veterano da Guerra do Paraguai, a General Honorário do Exército, por sua destacada atuação no combate à Revolução Federalista em 1893-1895.

Sua última visita a AMAN tinha sido na entrega de Espadim em 1952, ao 1º aluno da Turma de 1954 – Turma Santos Dumont, o Cadete Sérgio Ruschel Bergamaski.

A viagem dos cadetes ao Rio, escalados para a Guarda Fúnebre do presidente Getúlio Vargas foi à noite, numa via-tura QT (Qualquer Terreno)

de 11,5 Toneladas. Foi uma longa viagem. E chegando ao Rio muitas retenções e apreensões, até chegar-se ao Palácio do Catete, pois as ruas que lhe davam acesso estavam apinhadas de pessoas que esperavam longas horas em fila, até passarem junto ao caixão do presidente, onde ocorreram cenas de grande emoção, muitas das quais testemunhei.

Estacionada a viatura junto à entrada do Palácio para automóveis, seu comandante entrou em contato com os chefes da Casa Civil Lourival Fontes e da Casa Militar, o General Caiado de Castro que, como coronel, comandara o Regimento Sampaio na FEB.

Depois de alguma demora veio a decisão: a família do presidente dispensara a Guarda Fúnebre. E o oficial comandante da Guarda a dispensou. E os cadetes cariocas foram para suas casas. E eu o cadete Álvaro, gaúchos, decidimos permanecer no Palácio até o amanhecer, para retornamos a Resende. E fomos acolhidos por oficiais da Turma de 1954 da AMAN, integrantes do Batalhão da Guarda Presidencial, com liberdade total para circular pelo pátio e térreo do Palácio e com frequência passarmos pela sala mortuária, falando com funcionários e observando tudo.

Por volta das 5 horas da madrugada pedimos a um Ca-

pitão que retornava à sua unidade na Vila Militar que nos desse uma carona até o Méier, onde pretendíamos dormir um pouco na casa de um colega, o cadete Hélcio Pereira Sampaio. Então, no trajeto, assisti aquela enorme comoção popular, sem interferência no deslocamento do Jipe, dirigido pelo Capitão. Chegando ao Méier desembarcamos no início da rua principal do bairro e, noite escura ainda, subimos a rua completamente vazia. E, depois de muito procurarmos a casa do Hélcio, a encontramos e acordamos sua mãe que nos recebeu constrangida, por não possuir nenhuma cama disponível. E pela primeira vez dormimos sentados numa cadeira dura, até por voltas das 8 horas, onde famintos, levantamos e apanhamos um ônibus para a Central do Brasil. Nela, compramos pães enrolados em papel de embrulho recheado de queijo e salame e nos alimentamos no trem.

Comovidos como gaúchos, com a tragédia, o cadete Álvaro Escobar, conhecido poeta, escreveu em um papel de embrulho pardo que envolvera a sua merenda, uma inspirada poesia que a guardei por longo tempo até se extraviar em meio à crescente documentação que eu era obrigado a guardar.

Passam os anos. Em 1982, no ano do Centenário do Nascimento do Presidente Getúlio Vargas, já consagrado

historiador militar e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, produziu seguinte trabalho, o publiquei no ano seguinte em sua Revista v. 339, abr/jun 1983 intitulado "Presidente Getúlio Vargas e a evolução da Doutrina do Exército (1931-1945)", artigo hoje disponível em Artigos no site www.ahimtb.org.br da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil.

Em 2005, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, no contexto do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, que dirigi e completei, escrevi o livro: *Escolas Militares de Rio Pardo 1859-1911*. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2005.

No livro abordamos a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo que o Sargento Getúlio Vargas frequentou de 1900 a maio de 1903, até completar 21 anos e ser desligado em decorrência de uma falha de um instrutor, o Capitão Marco Telles, não punida, "mas só censurado por emprego de palavras injuriosas em emergência melindrosa", as quais provocaram uma justa revolta de toda uma companhia. Revolta da qual resultou o seu desligamento e retorno à tropa e a punição de 129 alunos, quase metade do efetivo da Escola, sendo 31 desligados e 98 punidos. Entre os alunos punidos, Salvador César Obino, o futuro idealizador da Escola Superior de Guerra e Valentim Be-

nício, o Secretário do Exército fundador da Biblioteca do Exército-Editora e criador de uma infra-estrutura cultural modelar no Exército.

Foram colegas do Sargento Getúlio os alunos João Batista Mascarenhas de Moraes e Eurico Gaspar Dutra, seus colaboradores, mais tarde, como comandante da FEB e Ministro da Guerra, respectivamente. E mais os seguintes alunos, que se destacaram na História do Exército: Bertoldo Klinger, Manuel de Cerqueira Daltro Filho, Salvador Cesar Obino (citado), Pantaleão Pessoa, Emilio Lúcio Esteves, Francisco Paula Cidade, Raul Silveira de Mello, Amaro Soares Bittencourt e Outubrino Antunes da Graça. Descrevo a citada revolta às p. 111-114.

Getúlio Vargas serviu ao Exército por cerca de oito



Sargento-aluno Getúlio Dorneles Vargas, da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo onde ele estudou, por cerca de três anos e meio. Ao lado, capa de nosso livro relatando as circunstâncias que culminaram com o seu desligamento da Escola e retorno à tropa e não expulsão, por participação numa revolta justa, segundo seus colegas, que atingiram os mais altos postos no Exército.

anos, tendo participado de Expedição ao Mato Grosso em razão das lutas no Acre do que resultaram a compra do Acre pelo Brasil. De retorno, estudou, tornou-se advogado e deixou o Exército. Sobre este período no Exército ele recordou, em 12 de setembro de 1940 em discurso às Forças Armadas.

"Como vós, fui soldado e encontrei na Camaradagem das armas uma escola de Lealdade, de Abnegação e desinteresse, com o que continuo servindo ao Brasil, somando o meu esforço ao vosso e aos de todos os patriotas, para torná-lo cada vez mais prospero"

E assim, amainadas as paixões políticas, decorridos 60 anos de sua morte, aqui recordamos o presidente que criou a Legislação Trabalhista, a Companhia Siderúrgica Nacional, a mãe da industrialização brasileira, as modernas e modelares instalações de Ensino do Exército (a Academia das Agulhas Negras, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e o Instituto Militar de Engenharia), a Escola Naval, a Eletrobrás, a Petrobrás, o Parque Itatiaia e o 1º Parque Nacional. História é verdade e Justiça, conforme foram batizadas com seu nome, avenidas, ruas, escolas e instituições culturais de alto nível, como a Fundação Getúlio Vargas.

Grandes Comandantes da Antiguidade

Pompeu Magno

(106 a.C. - 48 a.C.)

Cneu Pompeu ou Pompeio Magno foi um general e político romano, conhecido também em português como Pompeu, o Grande.

Em 67 a.C., dois anos depois de cumprir um mandato de cônsul, Pompeu foi nomeado comandante de uma frota especial e responsável por uma campanha destinada a combater o problema da pirataria no Mar Mediterrâneo. A nomeação, como quase tudo o resto na sua vida, esteve rodeada de polêmica. A facção conservadora detestava-o pelo constante ataque às tradições e pela sua ascendência pouco notável. Tentaram por todos os meios legais impedir este comando, até que um tribuno aliado de Pompeu levou o assunto à Assembleia do Povo. No seu círculo de apoiadores, Pompeu encontrou um suporte esmagador. Para desgosto dos seus adversários, o general levou apenas alguns meses para eliminar os principais núcleos de piratas e garantir a segurança das rotas comerciais entre a Itália, África e Ásia Menor. A rapidez e sucesso desta Guerra dos Piratas mostrou que era também um almirante dotado de argúcia que e detinha fortes capacidades de organização e logística.

Pompeu não regressou a Roma no fim desta campanha naval. Utilizando até ao limite legal o imperium proconsular que lhe havia sido renitentemente concedido, dirigiu-se à província da Ásia, onde aliviou Lúcio Licínio Lúculo do comando, fator responsável por mais de vinte anos de problemas na região. Pompeu permaneceu na área por cinco anos e, em 61 a.C., colocou um ponto final nas guerras mitridáticas. Aproveitou, ainda, a estadia na região para explorar a área do Cáucaso, chegando às margens do Mar Negro. As notas desta expedição incluíram aspectos geográficos, políticos e um levantamento dos recursos naturais, e haveriam de se mostrar indispensáveis em campanhas subsequentes.

No fim de 61 a.C., Pompeu regressa a Roma, ao fim de seis anos, com um dilema nas mãos. Por um lado, queria celebrar o seu terceiro triunfo; por outro, ansiava por um segundo mandato de cônsul. As leis de Roma estipulavam que um general não poderia atravessar o pomério (fronteira simbólica da cidade) sem perder o direito ao triunfo, mas um candidato eleitoral tinha que apresentar a intenção de concorrer em pessoa no Fórum da cidade. Pompeu usou todos os meios diplomáticos para convencer o senado a adiar as eleições, mas os conservadores, liderados por Marco Pórcio Catão Uticense, opuseram-se à medida e obrigaram-no a escolher. Pompeu optou pelo triunfo mas não se conformou com a perda do consulado. Se não podia ser cônsul, podia subornar os eleitores para favorecerem o seu candidato. De acordo com várias fontes, o que se seguiu foi um verdadeiro escândalo eleitoral, com os eleitores a dirigirem-se em massa ao acampamento de Pompeu fora da cidade para receberem a ordem de voto, acompanhada de uma pequena "gratificação".

Em 50 a.C. o Senado, liderado por Pompeu, ordenou a César que voltasse a Roma e dispersasse o seu exército porque o seu termo como procônsul havia terminado. Em 49 a.C. César cruzou o rio Rubicão, ocasião em que teria pronunciado a famosa frase *alea jacta est* ("a sorte está lançada"), e invadiu Roma com suas legiões. Pompeu fugiu para a Grécia onde foi derrotado por César na Batalha de Farsália, acabando por procurar refúgio no Egito onde foi morto por antigos camaradas de armas às ordens da corte de Ptolomeu XIII. (Fonte: Internet)

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two PageView**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço www.nucleomilitar.com

Apoio à FAHIMTB:





AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

